



TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: MINHAS PERSPECTIVAS E REALIDADES

Maria Leda Lucena Da Costa E Silva Neres¹

Samara Oliveira de Magalhães²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sou Maria Leda Lucena da Costa e Silva Neres, tenho 59 anos, nasci em Sena Madureira, Estado do Acre. Meus pais vieram para Manaus quando eu tinha apenas 3 anos de idade; sou a caçula de 10 irmãos. Éramos 5 mulheres e 5 homens, um faleceu de poliomielite ainda no seringal onde morávamos; outra irmã faleceu com 52 anos, de câncer no mediastino e outras duas irmãs faleceram de COVID-19. Hoje somos apenas 6 irmãos. Minha mãe, que é meu referencial de vida, com apenas 35 anos, ficou viúva com nove filhos, e sem nenhuma perspectiva, precisou trabalhar vendendo galinha na porta do mercado para sustentar nossa família.

Os filhos mais velhos, por sua vez, tiveram que ajudar: foram vender picolé, limpar sepulturas no cemitério, constantemente buscando empregos informais, para ajudar no sustento do lar. Contudo, minha mãe nunca permitiu que nenhum de seus filhos abandonasse os estudos, ela entendia o quanto era essencial para definir e nortear o futuro de cada um de nós. Isso faz perceber a convicção que ela tinha, mesmo em sua simplicidade, sobre a importância da Educação, sabia que a única herança que poderia deixar para os filhos era o estudo.

¹ Pedagoga da Escola Alternativa Padre Mauro Francello. Aluna do Curso de especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria Municipal de Manaus. E-mail:

maria.neres@semed.manaus.am.gov.br

² Professora Doutora da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, formadora do projeto Oficinas de Formação em Serviço da Secretaria Municipal de Manaus e da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, orientadora deste trabalho. E-mail: samara.carneiro@semed.manaus.am.gov.br



Sou formada em Pedagogia, com Especialização na área de Orientação e Supervisão dos Anos Iniciais e em Educação Infantil, pela ESBAM - Faculdade Batista do Amazonas. Concluí minha graduação com 47 anos, em 2011; não foi fácil o desafio, mas consegui, graças ao incentivo da minha mãe e do meu esposo, que foram meu porto seguro. Atualmente estou lotada como pedagoga na Escola Municipal Alternativa Padre Mauro Fancello, localizada no bairro de Petrópolis. A escola atende crianças de 4 anos - Educação Infantil e alunos de 6 a 10 anos - ensino fundamental I.

Ao ficar sabendo do resultado positivo da participação da escola nas Oficinas de Formação em Serviço - OFS, fiquei com muitas expectativas, pois como profissional da educação, valorizo e sempre participo das formações oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED, entendendo que todos os profissionais necessitam se aprimorar continuamente e ter a possibilidade de adquirir o título de Especialista pela Universidade Estadual do Amazonas - UEA, faz toda a diferença na minha carreira do magistério.

Assim, apresento o meu trabalho de conclusão de curso por meio deste memorial formativo, um texto que trata sobre quem sou, minhas histórias até aqui; como me tornei educadora; as experiências vividas nas escolas onde trabalhei; a trajetória na formação continuada e as vivências e aprendizagens na Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente.

A SALA DE AULA COMO TERRITÓRIO DOCENTE

Não esqueço de como fui acolhida no Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI Maestro Dirson Costa, localizado no bairro de Petrópolis, a primeira escola em que trabalhei. Apresentei-me à diretora e disse que era a nova pedagoga, ela ficou extremamente feliz e começou a falar sem parar, era visível a felicidade dela. Vale ressaltar, que ainda hoje o número de pedagogos é insuficiente para atender as



demandas das escolas municipais. Quando ela terminou de falar eu disse: diretora eu só tenho uma coisa para falar, nunca fui pedagoga antes, é minha primeira experiência, acabei de sair da faculdade, cheia de teorias.

Nesse momento, vi o semblante da diretora mudar de imediato, ela lançou grande expectativa sobre minha chegada e eu ainda não tinha experiência na rotina de uma escola, nem como professora. Precisava ser transparente e sincera, então a pedagoga do turno matutino, que nos ouvia falou: “senta aqui ao meu lado, que vou te ensinar a ser uma pedagoga”. E assim foi iniciada a minha experiência na escola. E no sentido de ser pedagogo (a), compreendi com o pensamento de Franco (2008, p. 128) que:

Essa tarefa de coordenar o pedagógico não é uma tarefa fácil. É muito complexa porque envolve clareza de posicionamentos políticos, pedagógicos, pessoais e administrativos. Como toda ação pedagógica, esta é uma ação política, ética e comprometida, que somente pode frutificar em um ambiente coletivamente engajado com os pressupostos pedagógicos assumidos.

Assim, ao vivenciar a realidade do chão da escola, com as dificuldades de aprendizagem dos estudantes, as inúmeras demandas burocráticas da secretaria, o cumprimento do currículo e as inquietações dos professores em relação às demandas burocráticas da sede, fui aprendendo a ser pedagoga, de fato, sempre buscando exercitar uma postura dialógica não só com os professores, mas com toda comunidade escolar.

Na prática, compreendi melhor ainda, que minha função é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, acompanhando desde o planejamento das aulas à sua execução, não como um fiscal e sim como um articulador, sempre buscando novas estratégias em parceria com o gestor, professores, alunos e pais para juntos alcançarmos melhores resultados de aprendizagem.

Logo veio a oportunidade de trabalhar na Escola Municipal Alternativa Padre Mauro Fancello, localizada no bairro de São Francisco. Nessa escola o clima



organizacional era harmonioso e leve, uma escola com bons níveis de aprendizagem, apesar de atender a uma comunidade com perfil social desafiador, em que a maioria das famílias possui baixo poder aquisitivo, baixa escolaridade, crianças sem acompanhamento dos pais nos estudos e adolescentes que se envolvem com o tráfico e a prostituição.

Com esse contexto, a infrequência se tornou uma das principais problemáticas da escola, refletindo no rendimento dos últimos anos. Com o evento da pandemia, a equipe preocupada com a situação, adotou a estratégia de criar grupos de Whatsapp por turma, em que diariamente tínhamos acesso aos responsáveis, assim como o conhecimento sobre realidade de vulnerabilidade vivida pela maioria das famílias da nossa comunidade. A estratégia nos ajudou a fortalecer essa parceria essencial, para amenizarmos os impactos no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Em 2021, passei por uma experiência única: fui indicada para assumir a gestão da escola; foi uma surpresa, no primeiro momento hesitei, porém em função do contexto em que estávamos vivendo por sair de uma pandemia e por estarmos em pleno ano do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, resolvi aceitar o desafio, juntamente com a equipe que me apoiou e se fez presente em todos os momentos, um segurando a mão do outro, com muita garra e determinação. Esse apoio foi decisivo, pois concordo com Veiga (1995, p. 18), quando diz que:

Para que a ação administrativa democrática aconteça é necessária a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos da escola nas decisões e ações administrativas e pedagógicas ali envolvidas”, me senti encorajada e de certa forma aprovada por eles e segui em frente.

Assim, durante todo o ano de 2022, fomos dando continuidade ao planejamento que já havíamos iniciado com a gestora anterior, com objetivo de erradicar o índice de crianças não alfabetizadas existente e o abandono escolar, ampliados no contexto da pandemia. A esse respeito, a primeira conquista foi a abertura da Sala de Recursos³,

³ As salas de recursos multifuncionais são espaços da escola onde se realiza o atendimento educacional especializado para alunos com necessidades educacionais especiais, por meio do



que conseguimos implantar em tempo recorde, com o objetivo complementar ou suplementar a formação dos nossos estudantes com deficiência.

Foi um momento histórico em nossa escola, toda equipe escolar e comunidade celebrou essa conquista. Sabíamos que os nossos alunos com deficiência não alfabetizados teriam um atendimento mais individualizado no contraturno, colaborando para o desenvolvimento de suas potencialidades com atividades diferenciadas e direcionadas às suas necessidades.

Outra conquista foi conseguir equipar a sala de informática com 16 computadores e bancadas apropriadas para a utilização dos estudantes e a ampliação do acesso à internet às salas de aula e à sala dos professores, que ganhou computador, impressora, cantinho do café e um sofá confortável para descanso. Vibrei com essas conquistas, mas infelizmente, por questões políticas fui exonerada da função, deixando sonhos e projetos inacabados, mas compreendo, assim como Wanzeler (2021, p. 1081), que:

Em Manaus, os sistemas públicos de ensino são fortemente atrelados aos partidos políticos que estão no poder, e, portanto, os gestores educacionais, no geral, determinam seus processos alinhados à decisão desses partidos políticos que, inúmeras vezes, têm tratado a educação como uma “troca de moeda”.

A experiência na gestão me fez entender ainda mais essa realidade, não foi a qualidade do meu trabalho que definiu minha permanência na função, apesar de tanta dedicação e esforço para contribuir com a escola.

Mas preciso seguir, continuar defendendo os princípios educativos pelos quais me comprometi, não deixando minha responsabilidade como agente transformadora da vida dos estudantes. E a esse respeito (Freire, 2005, p.84) diz que “Educação não transforma o mundo. Educação transforma pessoas. Pessoas transformam o mundo”,

desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, centradas em um novo fazer pedagógico que favoreça a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar (ALVES, 2006, p. 13).



sei que em meu trabalho como educadora ainda tenho muito a realizar, pois quando somos comprometidos e temos amor pelo que fazemos, nada pode nos paralisar como instrumento de mudança na vida das pessoas.

TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA

A minha trajetória na educação começou intensa e tem sido bastante desafiadora. Não tive experiência em sala de aula como professora, e posso afirmar com plena segurança, que ela faz toda a diferença na carreira do pedagogo e do gestor escolar. Assim, percebendo que seria importante continuar investindo em minha carreira profissional, me inscrevi nos cursos de Especialização em Orientação e Supervisão nos Anos Iniciais e em Educação Infantil, mas infelizmente não tive condições de concluir naquele momento.

A primeira experiência como pedagoga recém-formada me proporcionou noites acordadas pensando no que iria fazer no dia seguinte, tive medo de falhar com as pessoas, de não conseguir acertar, costumo me cobrar muito enquanto profissional. Aos poucos, reagi e não permiti que o medo me paralisasse. Investi nas leituras e priorizei minha participação nas formações oferecidas pela SEMED.

Os diferentes tipos de formação de que participei contribuíram significativamente em minhas práticas com os professores. Lembro-me das formações do Programa de Ensino Sistematizado das Ciências - PESC. As aulas eram inovadoras, lúdicas e interativas, totalmente voltadas à Educação Infantil. Os pedagogos, diretores e professores recebiam as formações na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério - DDPM.

Na DDPM, participei das formações em Polo, hoje chamada de Rede Colaborativa, constituídas por temas relevantes e pertinentes à realidade escolar, como jogos educacionais, dificuldades de aprendizagem, acolhimento das crianças,



cantos e contos, metodologias da educação, currículo; foram ricos momentos de aprendizado, totalmente diferente do ramo varejista em que passei 17 anos.

A questão interpessoal foi algo que precisei aprimorar, e por meio da formação continuada, aprendi a ficar na posição de escuta, o que era muito difícil para mim; passei a valorizar o momento em que o outro precisava ser ouvido, a conhecer suas necessidades, indagações e inquietações, pois são fundamentais para o desenvolvimento do trabalho educativo.

Cada momento vivenciado nas formações, congressos, seminários, rodas de conversa e oficinas como jogos educacionais, dificuldades de aprendizagem, acolhimento das crianças, cantos e contos, metodologias da educação, currículo e jogos educacionais, dificuldades de aprendizagem e alfabetização e letramento colaboraram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Com minhas experiências nesses diferentes formatos de formação continuada, senti que elas são mais significativas quando nos fazem refletir e agir acerca do nosso fazer diário, para avançarmos como profissionais. A respeito desse processo formativo, Candau (1997, p.57), ressalta que uma:

Prática capaz de identificar os problemas, resolvê-los, e cada vez as pesquisas são mais confluentes, que seja uma prática coletiva, uma prática construída conjuntamente por grupos de professores ou por todo o corpo docente de uma determinada instituição escolar.

A autora reforça a necessidade de uma prática formativa coletiva o que torna a escola mais democrática, com melhor clima organizacional, participação dos professores e proximidade com a cultura da comunidade em geral.

E em busca desse tipo de formação continuada, em 2019, nós da equipe pedagógica da Escola Padre Mauro Fancello, nos inscrevemos no processo de seleção das Oficinas de Formação em Serviço - OFS/Semed/DDPM e recebemos a notícia de que fomos contemplados. Ficamos todos felizes, eu particularmente, por ter uma nova oportunidade de ter o título de Especialistas pela UEA, fazendo o curso



Gestão de Projetos e Formação Docente, uma experiência inédita para mim, haja vista, que aconteceria na escola e no meu horário de trabalho, uma nova experiência formativa em minha carreira docente.

PROJETO OFS/PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO

Mais um novo ano letivo se iniciava na escola e a expectativa pelo curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, em nosso ambiente de trabalho, só crescia. O que não esperávamos foi a Pandemia da COVID-19, um momento em que o medo e o pavor assolaram todo o planeta e a cada um de nós. Perdemos familiares, parentes, amigos e quase 300 colegas da SEMED. Foram perdas irreparáveis, eu particularmente, perdi um cunhado; vinte dias depois duas irmãs e em seguida mais um cunhado. Foi, de fato, devastador para mim.

Diante da melhora no cenário da pandemia, precisávamos prosseguir com nossas vidas e o trabalho não foi fácil. Temíamos que a qualquer momento a Covid-19 nos atingisse. A fé e a ciência foram fundamentais nesse retorno, e aqui estou contando a minha história. Apesar da situação, com alguns mais afetados que outros, emocionalmente falando, a equipe seguiu comprometida e disposta a ressignificar nossas práticas pedagógicas, em prol dos nossos 700 estudantes.

As reuniões da escola passaram a ser via Meet e a cada encontro, uma alegria nos contagiava: estávamos gratos pela vida e buscando novas estratégias para o ano letivo de 2019. Existia a preocupação com o emocional dos professores, dos alunos e de suas famílias, a adaptação de todos nós ao trabalho escolar por meio das novas ferramentas tecnológicas, e ainda, ter que responder às diversas exigências da secretaria, com uma numerosa demanda burocrática.

A esse respeito Wanzeler (2021, p. 1084) alerta que:

[...] o macrossistema, assim, consegue produzir/reproduzir um movimento de distanciamento entre os sujeitos que trabalham na escola, às vezes de maneira sutil, e muitas vezes, de forma mais aberta, incisiva, e que oportuniza



fragilidades e fragmentações nas intenções político-pedagógicas efetivas da escola em sua totalidade.

Em função de todo esse contexto de excessivas demandas com alimentação do drive, com fotos, planilhas, planejamentos e atividades, como forma de comprovar o que foi realizado ou não, nosso ânimo para a formação continuada OFS foi afetado. Mas com o surgimento das vacinas e seus resultados positivos, voltamos a acreditar em dias melhores e a desejar o início do nosso esperado curso.

As atividades começaram com a etapa da pesquisa, primeiramente com a formadora pesquisadora responsável pela escola, Alice Oliveira, por meio do aplicativo Zoom. Foi um momento descontraído, prazeroso e dialógico, com a participação de toda equipe. Conhecemos nossa formadora e a coordenação geral e pedagógica das OFS/DDPM, além da logística de como aconteceriam as nossas formações no horário de trabalho.

O primeiro encontro com as formadoras da equipe da Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico - GOTP, Samara e Rosana, foi a Apresentação do Projeto de Gestão. Minha expectativa era alta e quando vi o tema que direcionaria o curso com os diretores e pedagogos, que era “Reflexão do Cotidiano e da Prática Escolar: Os projetos de gestão como práxis democrática e inclusiva no contexto da Covid-19”, já fiquei bem otimista. O tema me chamou atenção, em face à realidade da escola. Para Certeau (1996, p. 31), o cotidiano:

[...] é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo.

Foi surpreendente compreender a importância do cotidiano a partir do conhecimento científico, nos ajudou a ter mais certeza ainda sobre o que nós educadores queremos priorizar em nossa escola e que, muitas vezes, a organização e as exigências do próprio sistema não nos permitem, que é a realidade social e educacional, dentro das salas de aula, as reais necessidades da escola. E em pleno



momento pandêmico esse estudo e esse aspecto do projeto de gestão me deixou bastante satisfeita e otimista com o curso.

No decorrer da apresentação dos objetivos principais do projeto, pudemos falar de nossas expectativas e analisar se estavam contempladas naqueles objetivos apresentados, de imediato, observei que nossa prática escolar só teria a crescer por meio da pesquisa e da elaboração de um projeto de gestão democráticos e inclusivos, como ferramenta de intervenção no trabalho pedagógico.

Lembro da Primeira Conversa Dirigida, na primeira etapa da pesquisa: iniciamos com a leitura do pensamento de Krenak (1999, p. 27), “Você não pode esquecer de onde é e nem de onde veio, porque assim você sabe quem você é e para onde vai”. Foi um momento de muita reflexão, não esquecer que tenho uma identidade, tenho propósito e sei aonde quero chegar. Vim de uma família de comerciantes, não era pretensão minha entrar para a educação, até por não ter histórico em minha família, administrava 13 lojas e era conhecida como a dama de ferro.

No decorrer da conversa dirigida ainda me sentia fragilizada pela perda de meus familiares na pandemia, busquei força em Deus para prosseguir; confesso que em alguns momentos pensei que não fosse conseguir, mas minhas formadoras, com cuidado e habilidade me deixaram bem à vontade e fui prosseguindo no meu tempo.

Conversamos sobre a minha experiência com a organização do trabalho pedagógico na escola com os professores, DDZ e Sede, e minha percepção quanto ao processo de formação continuada no ambiente escolar. No momento pandêmico minha relação com a outra colega pedagoga e a diretora continuou sendo de parceria, diálogo e cumplicidade, favorecendo o enfrentamento do trabalho exaustivo de todos, com as modalidades de trabalho remoto e semipresencial. Elas me deram todo o suporte que precisei por ter perdido meus familiares durante esse período.



Quanto à formação continuada dentro da escola, é difícil acontecer mediante às inúmeras exigências do sistema macro, mas quando conseguimos um tempo mínimo que seja, percebo o quanto é proveitoso. A esse respeito Nóvoa diz que a formação de professores, além de renovação requer uma necessária recomposição “do trabalho pedagógico, nos planos individual e coletivo. Para isso é necessário que os professores realizem estudos de análise das realidades escolares e do trabalho docente” Nóvoa (2017, p. 23). O que contribuiria significativamente para ressignificarmos conhecimentos e situações que envolvem a própria equipe, estudantes, pais e a comunidade em geral.

No segundo encontro remoto, chamado de Rede de Conversa, foi um momento em que nós diretores e pedagogos, das nove escolas, nos conhecemos, conversamos, trocamos experiências e refletimos acerca de nossas práticas antes e no decorrer da pandemia. Nesse dia houve uma participação ativa de nós gestores, falamos e escutamos uns aos outros e percebemos que estávamos passando pelos mesmos desafios profissionais, mas no pessoal uns tiveram perdas na família, outros na sua equipe ou amigos, nossas formadoras também nos fizeram essa pergunta e foi importante, me sentia acolhida com o cuidado e a atenção a minha pessoa.

Assistimos a um vídeo, Silent, que nos fez refletir sobre o fato de que, em meio a situação vivida por nós, é possível mudarmos o nosso olhar, as circunstâncias, ressignificar nossas vidas e ações. E foi justamente o que aconteceu em um ano de pandemia, tivemos que mudar nossas estratégias para dar continuidade ao ano letivo de forma remota, buscando a tecnologia para chegar até a residência dos estudantes.

Tudo era novo, mas não ficamos paralisados frente ao desafio: a internet, o aparelho celular e o computador se transformaram em verdadeiras ferramentas pedagógicas, nossas principais aliadas para continuar trabalhando. Depois da pandemia, as tecnologias da informação e da comunicação continuaram fazendo



parte do nosso cotidiano escolar como ferramentas inovadoras na aprendizagem dos nossos alunos.

Na segunda conversa dirigida, realizada na escola, refletimos sobre as evidências, a importância do registro e o hábito de estudo no decorrer do curso e nas ações cotidianas da escola. Lembro com muito carinho que fomos presenteadas pelas nossas formadoras Samara e Rosana com um lindo caderno, para que fizéssemos os registros de nossos encontros a partir daquele dia.

Fazer os registros foi realmente providencial, principalmente por ter me favorecido com a escrita deste memorial formativo. Para Zabalza (2004, p. 29), “a escrita é, desse modo, um espaço de silêncio para lembrar a mudança e vislumbrar os rastros deixados, mas ao mesmo tempo, nos leva a projetar novos espaços imaginários à luz daquilo que já foi, do que é e do futuro que ainda é incerto porque não é”, o registro nos orienta e reorienta e cada vez mais deve fazer parte do fazer dos profissionais da educação.

A terceira conversa dirigida aconteceu por meio de uma dinâmica diferente, com imagens distribuídas pelo chão, conversamos sobre como vivenciamos na escola a formação continuada, a Interculturalidade e a educação inclusiva. As formadoras pediram que organizássemos as imagens em três colunas, de acordo com as temáticas e conversássemos sobre o que percebíamos.

Refleti que a Escola Alternativa Padre Mauro Fancello é um espaço inclusivo e intercultural, pois além dos estudantes com deficiência, temos crianças venezuelanas, alunos em risco social, e com certeza ribeirinhos e de origem indígena, pois como foi trazido pelas formadoras, às vezes não nos atentamos à riqueza dessa realidade.

A respeito de como tratar a Interculturalidade na escola Candau (2009, p. 170), ressalta que:

[...] a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo



educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc.

É urgente mudar essa situação, é necessário acolher, valorizar e incluir as diferenças culturais, religiosas, de classe, gênero e as demais, nas ações cotidianas que envolvem todos os processos educativos, nos currículos e práticas pedagógicas da escola.

Enquanto gestora, na oportunidade fiquei inquieta, pois ainda relacionava a educação inclusiva somente ao atendimento das pessoas com deficiência. Foram várias reflexões, inclusive que a formação continuada é o meio para nos fazer compreender, enxergar e mudar as situações de injustiça social que ainda ocorrem na instituição escolar.

Outra questão discutida foi quanto ao que torna uma escola inclusiva, e concordamos com Carneiro (2015, p. 108), quando destaca que “uma escola educacionalmente inclusiva é uma escola que visa ao ensino, à aprendizagem, às realizações, às atitudes e bem-estar de todas as pessoas”, o que me fez pensar como gestora, nos professores, que dizem não se sentir preparados para lidar com as diferentes especificidades da Educação Especial e demais diferenças, existentes no ambiente escolar.

A esse respeito, Sartoretto (2011, p. 79) ressalta que:

O argumento do despreparo dos professores não pode continuar sendo alibi para impedir a inclusão escolar de pessoas com deficiências. Se não estamos preparados, precisamos urgentemente nos preparar. E uma verdadeira preparação começa com a possibilidade e pelo desafio de acolher as diferenças na sala de aula e pela busca de novas respostas educacionais. Nesse processo, a responsabilidade é de todos - pais, diretores, supervisores, orientadores educacionais, professores, alunos - e, principalmente, das autoridades responsáveis pela definição e implementação das políticas educacionais. Inclusão não é favor para pessoas com deficiência. Ela é um direito.



Formar professores para essa escola significa formar para atuar com o múltiplo, com o heterogêneo, com o inesperado mudando nossa maneira de planejar, de ministrar as aulas, de avaliar, de pensar a gestão da escola e das relações dos professores com seus alunos.

Dessa forma, compreendi que a formação continuada de professores é a via para superarmos as barreiras da aprendizagem, do preconceito, da discriminação, da exclusão em nossa escola e que a educação inclusiva é responsabilidade de toda a sociedade e não apenas da escola, dos professores.

Com o fim da etapa da pesquisa, começamos a estudar as disciplinas do curso, com a formadora Alice Ramos: Cotidianos e Cultura escolar, que teve como base o texto: Cotidiano Escolar e Práticas Interculturais, de Vera Maria Ferrão Candau; Ciência e letramento, na qual lemos o livro Cabeça Bem-feita de Edgar Morin, que mostra como os problemas do mundo nos afeta. A pandemia foi cedendo e tivemos o nosso primeiro encontro coletivo de gestores/OFS, de forma presencial, na DDPM, obedecendo todas as normas da OMS, claro. Refletimos sobre as atribuições do gestor e do pedagogo, foi um momento rico de interação, socialização e troca de experiências com os colegas gestores das demais escolas.

A atividade do estudo de casos, em que o gestor foi ser pedagogo e o pedagogo, gestor, com toda certeza foi um momento em que eu pude perceber a responsabilidade do outro, seus anseios e inquietações, o pedagogo tem muitas atribuições assim como o gestor.

Isso me fez refletir sobre a importância do diálogo entre os nossos pares, que precisamos um do outro, que as relações precisam ser harmoniosas, que nossas práticas precisam ser planejadas conjuntamente. Cada um de nós tem sua importância no ambiente escolar, como ressalta Libâneo (2013, p. 237), em que “todos dirigem e são dirigidos; todos avaliam e são avaliados. A ênfase se concentra tanto



nas tarefas quanto nas relações”. Em que a equipe se expressa, é ouvida e levada em consideração, ou seja, participam da gestão.

Enquanto gestora o estudo de caso realizado na formação só veio reafirmar o meu compromisso com a pedagoga, de mantermos uma boa comunicação, assim como não nos sobrecarregarmos, zelando por manter nossa saúde física e emocional, para alcançarmos os resultados desejados.

No segundo encontro coletivo, as formadoras da GOTP trataram sobre o que já havíamos realizado na Pós-Graduação, na primeira etapa da pesquisa conosco e com a escola de modo geral, sobre as disciplinas que estudamos com nossa formadora pesquisadora Alice e nos adiantou sobre o início da etapa metodológica do curso, explicando sobre função da matriz problematizadora para a escola e para a equipe gestora.

Passei a ter mais clareza sobre o caminho que estávamos trilhando e fomos orientadas a observar e fazer registros sobre como a formadora Alice conduziria esse processo na sala de aula, para que fosse um movimento coletivo e colaborativo, que expressasse as principais problemáticas da escola Padre Mauro Fancello. Ao mesmo tempo em que participava das aulas com os professores para a elaboração da matriz problematizadora, frequentava os encontros formativos coletivos de gestores, na DDPM.

O terceiro encontro teve a presença da coordenadora pedagógica das OFS, para nos explicar que após a elaboração da matriz problematizadora e das oficinas programadas, construiríamos o projeto formativo, que norteará os professores na elaboração dos projetos de aprendizagens interdisciplinares e a nós, gestores, com o plano de ação da gestão e organização do trabalho pedagógico democrático e inclusivo.

Enquanto diretora sempre tive a preocupação de agir democraticamente e de forma participativa, para que as decisões fossem tomadas por todos os envolvidos no



processo educativo, pois como ressalta Veiga (1995, p. 18), “Para que a ação administrativa democrática e participativa aconteça é necessária a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos da escola nas decisões e ações administrativas e pedagógicas ali envolvidas”, neste sentido posso afirmar que a concepção de gestão que eu tinha foi aperfeiçoada no decorrer do curso, ganhando um novo ânimo para realizar meu trabalho com mais autonomia, numa perspectiva pedagógica decolonial.

Para Wanzeller (2021, p. 1082), a formação OFS/Lepete

O Programa de Formação do Lepete, (...) propõe, por meio da formação em serviço, entendida como mediação (Latour, 1994a), lugar de compartilhamento de responsabilidades e intencionalidades coletivas, processos de intervenções pedagógicas decoloniais, deslocamentos, deslizes e invenções capazes de modificar não apenas os agentes participantes desse coletivo, mas também processos sociais mais amplos, que levem à vivência de um mundo mais justo, igualitário e solidário.

Estes princípios formativos ficaram evidentes nos processos e ações da elaboração da matriz problematizadora da escola Alternativa Padre Mauro Fancello, construída de maneira coletiva e colaborativa sob as orientações da formadora da escola, que por meio de perguntas, discussões e análises, envolveu toda comunidade escolar no decorrer das aulas, identificando as problemáticas mais evidenciadas.

OFS: A CONSTRUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO FORMATIVO

A partir da matriz problematizadora, aconteceram as oficinas voltadas aos temas mais evidenciados como Educação Especial, Educação Inclusiva; Tecnologias Interativas aplicadas à Educação e Formação Interdisciplinar de Alfabetização e Letramento. As oficinas contribuíram com o trabalho pedagógico por meio dos novos conhecimentos e, principalmente, com as práticas socializadas e realizadas pelosicineiros. Os professores se mostraram satisfeitos, assim como eu e a pedagoga.

Após a realização das oficinas, iniciamos as ações para elaboração do projeto formativo da escola. O interessante nessa fase e durante todo o curso, foi praticar a



escuta, pois assim como fomos ouvidos em rodas de conversa por nossa formadora para a construção do projeto formativo, os alunos também foram ouvidos por seus professores em um processo dialógico, no qual puderam expressar o que queriam aprender, como queriam que fossem realizados e juntos definiram o tema dos projetos.

A equipe decidiu o tema do projeto formativo que foi: Inclusão, novas tecnologias para a alfabetização e letramento em tempos de pandemia. Vi todo esse movimento de escuta também como inclusão e por isso corroboro com Stubbs (2008, p. 50), ao afirmar que:

A educação inclusiva refere-se a uma vasta gama de estratégias, atividades e processos que visam tornar uma realidade os direitos universais para a qualidade, e uma educação relevante e adequada. Reconhece que a aprendizagem começa no nascimento e continua ao longo da vida, e inclui a aprendizagem em casa, a comunidade, em situações formais, informais e não formais. Procura permitir que as comunidades, sistemas e estruturas em todas as culturas e contextos combatam a discriminação, celebrem a diversidade, promovam a participação e superem as barreiras da aprendizagem e participação para todas as pessoas. Faz parte de uma estratégia mais vasta para a promoção do desenvolvimento inclusivo, com o objetivo de criar um mundo onde, exista paz, tolerância, uso sustentável de recursos, justiça social, e onde as necessidades básicas e direitos para todos se encontram.

Ao conhecer e compreender o que envolve a educação inclusiva, percebi que se não houver a participação de todos nas atividades escolares e aprendizagem, não existe inclusão.

E neste sentido, foram elaborados um total de doze projetos de aprendizagem interdisciplinares, como: Cantigas de roda na Educação Infantil; Alfabetização na Educação Física por meio de jogos e brincadeiras; O letramento a partir da localização espacial nas áreas do conhecimento; desmistificando o ensino de matemática por meio da utilização de jogos e brincadeiras e outros.

Com isso, eu e a pedagoga Ana Cristina, seguindo as orientações das formadoras da GOTP, elaboramos nosso plano de ação da gestão e organização do trabalho pedagógico democrático e inclusivo, o qual nos ajudou na organização das



ações e demais necessidades dos professores no decorrer da etapa de planejamento e execução de cada um. Foi importante participar, me senti mais próxima dos professores, conhecedora da realidade deles e de cada turma e enquanto gestora pude colaborar para que não faltassem os recursos necessários para a qualidade dos projetos, assim como oferecer um ambiente acolhedor e confortável para os professores e estudantes.

Percebi professores mais seguros e receptivos com os estudantes, utilizando os recursos tecnológicos disponíveis na escola, promovendo atividades mais lúdicas, envolvendo a psicomotricidade, músicas e uma diversidade de dinâmicas divertidas.

Para mim, o ápice da Especialização foi poder presenciar o desenvolvimento dos projetos de aprendizagem interdisciplinares produzidos a partir de um projeto formativo elaborado por todos nós, formadoras, professores, alunos, equipe gestora, todos com o objetivo de resolver ou amenizar as problemáticas da escola.

Neste sentido, Placco (2008, p. 28) diz que:

[...] é preciso que o projeto da escola seja um espelho que reflita cada um de seus participantes, com suas marcas e características específicas, que contribuam, a seu modo, para o trabalho da escola. Mas esse espelho, a um só tempo, reflete também a escola, como coletivo, com objetivos e finalidades que visem à formação do aluno e dos professores.

A partir da realização do projeto formativo, a escola passou a ter mais vida e a troca de experiência entre os professores e a dupla gestora mais frequente e harmoniosa. Quanto aos estudantes, houve uma diminuição na taxa de infrequência, tornando os estudantes mais motivados a estar na escola, os problemas relacionados à indisciplina diminuíram e os pais se mostraram mais satisfeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido durante esses dois anos não foi fácil; e quem disse que seria? Ano de pandemia, de medo, perdas e sofrimento, mas posso afirmar que também existiram vitórias e conquistas em todas as áreas da minha vida. Iniciar e



chegar ao término da Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, em meio a tantos desafios, se traduziu na graça de Deus em minha vida.

O curso foi uma conquista para toda equipe da Escola Municipal Alternativa Padre Mauro Fancello, incentivada através do empenho da gestora Leslye Moutinho, que com muita sabedoria e diligência nos apresentou ao curso e nos fez compreender a importância da formação continuada em serviço, nos orientou na teoria e na prática a sermos pesquisadores dos cotidianos escolares, nos incentivando a exercer uma pedagogia decolonial, emancipadora.

Não tenho dúvidas que a Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, com ênfase em Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico, potencializou e ressignificou meu trabalho como pedagoga e como gestora escolar nos momentos de conversas, dinâmicas e discussões que me fizeram refletir, ressignificando concepções, conceitos, ações e minhas práticas com foco na gestão e organização do trabalho pedagógico democrático e inclusivo.

Cada etapa vivenciada no decorrer do curso consolidou minha decisão de ser educadora.

Agradeço a minha Mãe Leda Lucena que sempre me incentivou e nunca desistiu de mim. Agora acometida de Alzheimer, não sabe mais quem sou [...] mas eu sei quem ela é, minha mãe! Ao meu esposo João de Deus e à minha filha Tirza Neres, meus grandes incentivadores quando pensei em desistir; e a equipe da escola Padre Mauro Fancello, que sempre me apoiou e respeitou como pedagoga e gestora da escola.

Gratidão às formadoras Alice Ramos, que sempre sorridente, não largou a minha mão. Às nossas formadoras Samara Magalhães e Rosana Marques, que com muita organização e sabedoria conduziram nossos encontros com maestria; quantas vezes cheguei cansada e indisposta e saí das formações renovada, vivificada e cheia de coragem para continuar a minha missão como educadora.



REFERÊNCIAS

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de recursos multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

ANDRÉ, Marli. **Proformação: relatório de análise dos memoriais,** São Paulo: PUC/MEC/SEED, 2003.

CANDAU, Vera Maria (org). **Magistério: construção cotidiana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 51-68.

CANDAU, Vera Maria (org). **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** In: CANDAU, V.M. (ORG.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 154-173. Vozes, 1997. p. 51-68.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar.** Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo.** 23. ed. revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CARNEIRO, Samara. O. **Pedagogia salesiana de dom Bosco e educação inclusiva: histórias de vida de ex-alunas da casa mamãe Margarida em Manaus/AM** (tese de Doutorado)

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade.** Revista Múltiplas Leituras, v.1, n.1, p. 117-131, jan/jun. 2008. Disponível em: Acesso em: 23 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão na Escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos et. al. **Educação Escolar:** políticas, estrutura e organização. Coleção Docência em Formação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Krenak, Ailton. **O Eterno Retorno do Encontro.** IN: Novaes (org.), A Outra Margem do Ocidente, Minc-Funarte/Companhia Das Letras, 1999.

MAGALHÃES, Samara O. **Formação Continuada de Professores, O Cotidiano e a Reflexão.** in: LIMA, Josciane de Jesus. NASCIMENTO, Simone do Socorro Freitas. Formação Continuada: dos desafios aos impactos na atuação docente. Mogi Guaçu (SP): Becalet, 2016. p.99-111.

MANTOAN, M. T. E. O desafio das diferenças nas escolas. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PLACCO, V. M. de S.; SOUZA, Vera L. T. **Desafios ao coordenador pedagógico no trabalho coletivo da escola: intervenção ou prevenção?** In: PLACCO, V. M. de S. ALMEIDA, L. R. (orgs.). O coordenador pedagógico e os desafios da educação. São Paulo: Loyola, 2008.

SARTORETTO, M. L. **Os Fundamentos da Educação Inclusiva.** 2011. Disponível em: https://assistiva.com.br/Educa%c3%a7%c3%a3o_Inclusiva.pdf . Acesso em: 23 set. 2023.

STUBBS, Sue. **Educação Inclusiva:** onde existem poucos recursos. Trad. Ana Gigante. Editado por Ingrid Lewis. Oslo/Norway: Atlas Alliance, 2008.

PLACCO V. M. N.S. & Almeida, L.R. (Orgs.).In: Placco, **O Coordenador pedagógico (CP) e a formação de professores:** intenções, tensões e contradições. O coordenador pedagógico e os desafios da Educação. São Paulo: Loyola, 2008.

VEIGA, Ilma Passos. **Projeto Político da Escola: uma construção coletiva.** Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível/ Ilma P. A. Veiga (org.). Campinas, SP: Papirus, 1995.



VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984

WANZELER, Eglê B. P. ESTÁCIO, A. F.; Marcos; MENEZES, Quitéria, A. **Universidade escola e a Descolonização do Currículo de Formação de Professores e Professoras**: complexidade, transdisciplinaridade e decolonialidade. Currículo sem Fronteiras, v. 21, n. 3, p. 1071-1090, set./dez. 2021

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.